

Na minha “experiência” como doente tenho 2 situações diferentes:

1º - internamento por doença, na qual me foi dito claramente que doença tinha. A aceitação da doença e o confiar no tratamento instituído estiveram sempre presentes.

2º - internamento por febre apenas como sintoma, sem se saber a causa.

A insegurança, o desconhecido e o não saber o que se estava a passar estiveram presentes e foram geradores de grande ansiedade. Para acentuar esta ansiedade destaco ainda a não abertura da equipa médica/enfermagem, bem como os meus conhecimentos acerca da patologia clínica conduziam sempre a um pensamento numa doença grave. Consequentemente, pensamentos acerca de que tratamentos teria de efectuar se assim fosse, e que consequências teriam, foram sempre constantes.

Em ambos os internamentos senti algum “benefício” por ser enfermeira, na medida em que num dos internamentos fui colocada numa enfermaria apenas com 1 cama e tal foi assumido pelos enfermeiros do serviço “...já que tal tinha sido feito com outros colegas...”. O modo como fui tratada (muitas vezes por “colega” e não por “doente”) também me fez sentir ser tratada de modo diferente.

A minha família, o saber como estariam e o querer comprová-lo com os meus olhos, o querer lá estar no que precisassem e não poder (acompanhamento às actividades escolares de fim de ano escolar), foi geradora de muita ansiedade e foram pensamentos também presentes em ambos os internamentos, o que me levou a valorizar mais “as rotinas do dia-a-dia em família” (a cozinha, as roupas, os trabalhos de casa, o brincar com a mais nova...).

No meu dia-a-dia como enfermeira, actualmente, valorizo mais e tenho mais atenção ao modo como digo e aquilo que digo, em determinadas situações, a um doente.